

O LUGAR DA FILOSOFIA NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

*Marcos Antônio Lorieri**

*Cláudio Ferreira dos Santos***

Resumo

O objetivo deste texto é o de apontar algumas indicações que podem fortalecer a convicção de que a presença da Filosofia, através do seu ensino na educação formal de crianças e jovens, traz contribuições importantes para sua formação. Buscando apoio em Kant, na justificativa da legislação que tornou o ensino da Filosofia obrigatório no Brasil e em alguns autores que se dedicam ao estudo do papel da Filosofia na experiência educativa, desenvolve-se uma argumentação a respeito que é concluída com alguns dados de pesquisa realizadas com jovens sobre o que pensam da contribuição das aulas de Filosofia em sua formação.

Palavras chave: filosofia, ensino de filosofia, educação, educação escolar.

THE PLACE OF THE PHILOSOPHY IN THE EDUCATIONAL EXPERIENCE

Abstract

This paper intends to point some indications which can fortify the certainty that the presence of the philosophy, through its teaching in the formal education of children and young people, brings important contribution to their education. Searching support in Kant's philosophy, in the justification from legislation that became the teaching of philosophy in an obligation in Brazil and some authors that dedicate studying the function of philosophy in the educational experience as well, it develops an argumentation that is concluded with some information from researches done with young people to know their opinion about the contribution of philosophy classes during their education.

Keywords: philosophy, philosophy teaching, education, school education.

* Graduado em Filosofia (USP), mestre em Filosofia da Educação (PUC-SP) e doutor em Educação (PUC-SP). Professor titular no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Nove de Julho. E-mail: lorieri@sti.com.br.

EL LUGAR DE LA FILOSOFÍA EN LA EXPERIENCIA EDUCATIVA

Resumen

El objetivo de este texto es lo de apuntar algunas indicaciones que pueden fortalecer la convicción de que la presencia de la Filosofía, con su enseñanza en la educación formal de niños y jóvenes, trae contribuciones importantes para sus formaciones. Buscando el apoyo en Kant, en la justificativa de la legislación que torno el enseñanza de la Filosofía obligatorio en el Brasil y en algunos autores que se dedican al estudio de lo papel de la Filosofía en la experiencia educativa, se desarrolla una argumentación al respecto, que es concluida con algunos datos de pesquisa realizadas con jóvenes sobre el que piensan de la contribución de las clases de Filosofía en su formación.

Palabras claves: Filosofía. Enseñanza de Filosofía. Educación. Educación Escolar.

Inicialmente duas citações que poderão auxiliar nas reflexões sobre o lugar da Filosofia na experiência educativa. A primeira é retirada do Anexo ao livro de Kant, *Lógica* (2003), no qual consta a “Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no semestre de inverno de 1765-1766”.

O ensino da juventude envolve sempre a dificuldade de que somos forçados a nos adiantar aos anos com o discernimento e, sem aguardar a maturidade do entendimento, devemos transmitir conhecimentos que, segundo a ordem natural, só poderiam ser alcançados por uma razão mais exercitada e mais experimentada. (...) Não obstante, esta é uma dificuldade que não se pode evitar todo. (...) Com efeito, visto que o progresso natural do conhecimento é tal que, primeiro, o entendimento se forma na medida em que chega pela experiência a juízos intuitivos e, por meio destes, a conceitos, conceitos estes que, em seguida, são colocados pela razão <vernunft> em relação com as razões <Gründe> e as conseqüências deles, para serem finalmente

** Graduado em Filosofia (FAI), especialista em Educação para o pensar (PUC-SP), mestrando em Educação na Universidade Nove de Julho. Professor nas redes pública e privada de educação básica.

discernidos <erkannti> por meio da ciência num todo bem ordenado, o ensino também tem que seguir o mesmo caminho. De um professor espera-se, pois, que ele forme em seu ouvinte, primeiro o homem *sensato*, depois o homem *racional* e, por fim o *douto*. Semelhante procedimento tem a vantagem de que o aprendiz, mesmo que jamais chegue ao último grau, como em geral acontece, ter sempre ganho alguma coisa com o ensino e se ter tornado mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, pelo menos, perante a vida.

Se invertermos esse método, o aluno vai abocanhar uma espécie de razão, antes mesmo que o entendimento tenha sido formado nele, tornando-se portador de uma ciência de empréstimo, que nele estará, por assim dizer, apenas grudada e não desenvolvida, ao passo que suas aptidões mentais permanecerão tão estéreis como dantes, tendo se tornado, porém, com o delírio da sabedoria, muito mais corrompidas. Aqui está a causa de não raro se encontrarem pessoas dotas (na verdade instruídas) que demonstram pouco entendimento, bem como a razão porque as academias põem no mundo mais cabeças desenxabidas do que qualquer outra instituição da coisa pública.

A regra do comportamento é, pois, a seguinte: antes de mais nada amadurecer o entendimento e acelerar seu crescimento, exercitando-o nos juízos da experiência e despertando sua atenção para aquilo que as sensações comparadas de seus sentidos possam ensinar. Partindo destes juízos ou conceitos, ele não deve empreender nenhum vôo em direção a outros mais elevados e mais distantes, mas deve chegar até aí pela calçada natural e transitável dos conceitos inferiores que aos poucos o levem mais longe; tudo, porém, em conformidade com aquela aptidão do entendimento que o exercício precedente houver necessariamente produzido nele e não em conformidade com aquela que o professor percebe, ou crê perceber, em si mesmo e que ele erroneamente também pressupõe em seu ouvinte. Em suma, ele não deve ensinar *pensamentos*, mas a *pensar*; não se deve *carregá-lo*, mas *guiá-lo*, se se quer que ele seja apto no futuro a *caminhar* por si próprio.

Semelhante didática exige-a a própria natureza da Filosofia. Mas, como esta é propriamente uma ocupação para a idade adulta apenas, não é de admirar que surjam dificuldades quando se quiser acomodá-la à aptidão menos exercitada da juventude. O adolescente que acabou sua formação escolar estava acostumado a aprender. Ele pensa que, de agora em diante, vai *aprender Filosofia*, o que, porém é impossível, pois agora ele deve *aprender a filosofar*.

Vou me explicar com maior clareza. Todas as ciências que a gente pode em sentido próprio *aprender* podem se reduzir a dois gêneros: o *histórico* e o *matemático*. (...) nos dois casos é possível aprender, isto é, imprimir seja na memória, seja no entendimento, aquilo que pode ser posto diante de nós como uma disciplina pronta e acabada.

Para aprender, pois, a Filosofia, seria preciso que realmente já houvesse uma. Teria que ser possível exibir um livro e dizer: eis aqui a sabedoria e discernimento fidedigno; procurai entendê-lo e assimilá-lo, sobre isso edificai no futuro, sereis então filósofos; até que me mostrem semelhante livro da Filosofia, ao qual eu possa recorrer (...) seja-me permitido dizer: que é um abuso da confiança da comunidade, em vez de ampliar a aptidão intelectual dos jovens que nos foram confiados e de formá-los para uma discernimento *próprio* mais amadurecido no futuro, enganá-los com uma Filosofia pretensamente já pronta, que teria sido excogitada por outros em seu benefício, donde resulta um simulacro de ciência que só tem curso como moeda autêntica em certo lugar e entre certas pessoas, mas que é desacreditada em qualquer outra parte.

O método peculiar do ensino na Filosofia é *zetético*, como lhe chamavam os Antigos (de *zetein*) isto é, *investigante*, e só se torna *dogmático*, isto é *decidido*, no caso de uma razão mais exercitada em diferentes questões. Também o autor filosófico em que nos baseamos no ensino deve ser considerado, não como o modelo do juízo, mas apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre e até mesmo contra ele; e o método de refletir e concluir *por conta própria*, é aquilo cujo domínio o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte que os discernimentos decididos que por ventura se tenha obtido ao mesmo tempo têm que ser considerados como conseqüências contingentes dele, conseqüências estas para cuja plena abundância ele só tem de plantar em si mesmo a raiz fecunda. (P. 173-175).

Kant propõe um caminhar, um verdadeiro curso ou percurso através do qual os jovens possam ser ajudados a se educarem ou a se formarem: mesmo que seja um caminhar que se adiante aos anos ou à ordem natural. Segundo ele o progresso natural do entendimento se dá passando-se pela experiência que possibilita os juízos intuitivos os quais podem nos levar aos conceitos e estes serão então colocados pela razão em relação com as razões e com as conseqüências deles, para serem finalmente discernidos

por meio da ciência num todo bem ordenado. Esse deveria ser o caminho ou o curso do ensino formativo. Daí ele dizer o que se espera de um professor: que ele forme “primeiro o homem *sensato*, depois o homem *racional* e, por fim o *douto*.” Com esta maneira de fazer o ensino formativo, mesmo que o aluno não se torne um douto, terá “ganho alguma coisa com o ensino e se ter (á) tornado mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, pelo menos, perante a vida.

Terá se tornado mais atinado. Pode-se aprender a ser mais atinado. A ser uma pessoa com mais tino. Palavra quase em desuso porque, talvez, não tem sido isso o que se busca na formação das crianças e dos jovens. Segundo o Novo Aurélio Século XXI: o novo dicionário da língua portuguesa (1999), tino significa juízo, discernimento. E atinado indica “quem tem tino e prudência; ajuizado, discreto, atilado; inteligente e astuto.” Kant propõe que a formação escolar auxilie nessa direção. Isto é, que a escola não se restrinja a “ensinar *pensamentos*, mas a *pensar*,” e nem que os educadores carreguem ou conduzam os alunos, mas que os guiem se querem que sejam aptos a *caminhar* por si próprios. “Semelhante didática exige-a a própria natureza da Filosofia” diz ele e propõe que não se ensine pensamentos já pensados, ou apenas eles (mais adiante no texto ele admite o estudo de autores). Ao invés de aprender algum pensamento filosófico, ou alguma Filosofia, o aluno “deve *aprender a filosofar*.” Ele se propõe a explicar melhor o que quer dizer e afirma que, na verdade não há nenhuma Filosofia que seja ou possa ser denominada de “A Filosofia”. Não há, pois, alguma Filosofia que possa ser ensinada como tal. O que se pode ensinar é “o método de refletir e concluir *por conta própria*”: método que se aprende através do método apropriado de ensino da Filosofia que deve ser o método “*zetético*, como lhe chamavam os Antigos (de *zetein*) isto é, *investigante*”. Kant ainda reforça o objetivo do ensino formador da

Filosofia na direção do refletir e concluir por conta própria ao dizer que se pode utilizar algum autor, mas que ele não deve ser considerado “como o modelo do juízo, mas apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre e até mesmo contra ele”.

Este é um lugar da Filosofia na experiência educativa: o de auxiliar a pensar por conta própria. O de promover a autonomia do pensar nas crianças e jovens. Mas, para isso é necessário segundo Kant, utilizar o método zetético, isto é, investigativo.

A segunda citação é retirada do Parecer CNE/CEB No. 38/2006, aprovado em 07/07/2006. Na análise do mérito relativo à solicitação para que o ensino da Filosofia se tornasse obrigatório no Ensino Médio das escolas brasileiras assim se expressaram os conselheiros Relatores:

Preliminarmente, reitera-se a importância e o valor da Filosofia e da Sociologia para um processo educacional consistente e de qualidade na formação humanística de jovens que se deseja sejam cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas. Esta relevância é reconhecida não só pela argumentação dos proponentes, como por pesquisadores e educadores em geral, inclusive não filósofos ou não sociólogos.

(...) Não é demais destacar que, na ótica da LDB, os conhecimentos de Filosofia e Sociologia são justificados como "necessários ao exercício da cidadania" (inciso III do § 1º do art. 36 da LDB). Com os demais componentes da Educação Básica devem contribuir para uma das finalidades do Ensino Médio, que é a de "aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico" (inciso II do art. 35 da LDB).

Em ambas as citações fala-se de formação e de formação para a autonomia do pensar. E atribui-se à Filosofia um papel importante nessa formação. A experiência educativa é e deve ser uma experiência de formação. Nesta experiência educativa inclui-se a experiência educativa escolar. Na fala de Severino (2006, p. 2) podem-se ver estas relações de imbricação entre educação, educação escolar, formação, autonomia:

Minha idéia de formação é, pois aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade. A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. A interação docente é mediação universal e insubstituível dessa formação tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem.

E é também na sua fala que se pode ver a relação necessária da Filosofia com a experiência educativa ou formativa. Ele se pergunta: “O que vem a ser essa formação?” (SEVERINO, 2002, p. 185). É o desenvolvimento das pessoas como “pessoas humanas”: “Nós nos formamos quando nós nos damos conta do sentido de nossa existência, quando tomamos consciência do que viemos fazer no planeta, do porque vivemos”. (idem, p. 185). Esta tomada de consciência é o que ele denomina de dimensão subjetiva que exige o desenvolvimento de sensibilidades que a constituem como: a sensibilidade epistêmica, a sensibilidade aos valores morais (consciência ética), a sensibilidade aos valores estéticos (consciência estética) e a sensibilidade aos valores políticos (consciência social).

É toda esta esfera do exercício da dimensão subjetiva da pessoa que nos torna efetivamente humanos. Não bastam a integridade física, biológica, o bom funcionamento orgânico, as forças instintivas para uma adequada condução da vida humana. Sem a vivência subjetiva, continuamos como qualquer outro ser vivo puramente natural, regidos por leis pré-determinadas, vale dizer, sem possibilidades de escolhas, sem flexibilidade no comportamento. (SEVERINO, 2002, p. 185).

Ecos kantianos? Talvez. No início de *Sobre a Pedagogia* Kant diz: “O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação.” (1996, p.

11). Mais à frente diz: “O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.” (idem, p. 15). “Nascemos humanos, mas isso não basta: temos também que chegar a sê-lo”, diz um autor do nosso tempo. (SAVATER, 1998, p. 29). E mais: “A condição humana é em parte espontaneidade natural, mas também deliberação artificial: chegar a ser totalmente humano – seja humano bom ou humano mau – é sempre uma *arte*.” (idem, p. 31).

Severino também encontra justificativas para a educação nessa necessidade de nos aperfeiçoarmos derivada de nosso inacabamento: “necessária pelas carências ônticas e pela contingência ontológica dos homens, mas possível pela educabilidade humana” (SEVERINO, 2002, p. 185). E, na educação, há uma contribuição fundamental da formação filosófica. “A educação é então uma atividade, uma prática mediante a qual buscamos aprender a praticar essa subjetividade e encontrar aí as referências para a nossa vida, para as nossas ações que constituem de fato nossa existência real”. (idem, p. 186). É nessa existência real que há a necessidade da tomada de consciência do sentido da existência humana.

A educação não pode ocorrer sem a contribuição da formação filosófica: “É por tudo isso que não pode haver educação, verdadeiramente formativa, sem a participação, sem o exercício e o cultivo da filosofia em todos os momentos da formação das pessoas.” (Idem, p. 187). “... pois, o que se tem em mente é justamente ajudar a criança a se apropriar de conceitos e valores, a praticar seu pensamento, no sentido mesmo de exercer sua subjetividade lógica, ética e estética. E isso é essencialmente formativo.” (Idem, p. 189).

Não se pode reduzir o processo formativo das pessoas a estes aspectos. Mas somos forçados a concordar que são aspectos absolutamente necessários. E se o são, há uma relação estreita a ser considerada entre Filosofia e Educação que é a da contribuição fundamental do filosofar na formação dos seres humanos.

A Filosofia é uma necessidade porque é através dela que as pessoas podem produzir, de uma forma reflexiva, crítica, metódica e profunda, algum significado, algum sentido, para suas existências, o que engloba produzir algum significado ou sentido para a realidade de que fazem parte. E isso inclui produzir significado ou sentido para suas ações, para o próprio esforço de busca de conhecimentos, para o próprio esforço de dizer que algo é belo, para o próprio esforço de dizer da “vida-com-os-outros” e da necessidade, ou não, da regulação de uma vida em comum, etc..

As religiões são formas de conhecimento que oferecem sentidos ou significados, mas não são produções que se oferecem a um exame reflexivo e crítico: elas são doutrinas que pedem adesão pela fé e não pela compreensão a que chamamos de “racional”.

Na atual situação histórica da humanidade, marcada pela maneira ocidental de pensar a existência humana, de pensar a realidade em geral e as produções humanas nela (a vida social, a organização do poder, as morais, os conhecimentos, as manifestações artísticas, a linguagem, a própria História), os sentidos ou significados hegemônicos têm sido “dados” pela produção filosófica. Quando uma produção filosófica se torna hegemônica como “doadora de sentidos”, constitui-se como uma ideologia. Exemplo marcante é a ideologia liberal: se observarmos bem é dentro dela e “de dentro dela” que são veiculados os significados ou os sentidos para tudo o que se

refere à existência humana e à realidade na qual a mesma acontece. É uma “grande referência”. Assim foi, também, a visão teológico-filosófica da Escolástica medieval.

Ora, se é verdade que as grandes referências de uma época como a nossa são “dadas” por uma filosofia que se tornou ideologia, nada mais urgente e necessário que uma compreensão desta mesma ideologia e a capacidade de examiná-la reflexivamente, criticamente, metodicamente, profundamente; ou seja, à maneira filosófica. Ou as pessoas fazem esta análise ou receberão alguma filosofia dada pronta por uma imposição nada clara: a imposição possibilitada pela força da persuasão publicitário-ideológica e pela falta de condições de análise filosófica à qual as pessoas são condenadas, pois, não tem sido permitido que elas possam aprender a filosofar.

Uma das razões para essa não permissão está presente na fala da não utilidade da Filosofia. Fala conveniente a certos interesses particularistas: os donos destes interesses pretendem que poucas pessoas (de preferência eles próprios) “filosofem” e que, apenas eles, divulguem os resultados de suas reflexões “interessadas” que devem, por sua vez, ser inculcadas na grande massa das pessoas. Daí a reserva de domínio do filosofar para poucos e que supõe a “incompetência” de todos os demais para o filosofar. Chauí (1994) nos ajuda a dizer não a este discurso ao apontar a utilidade da Filosofia. E, ao fazê-lo, nos ajuda a perceber o seu lugar na experiência educativa. Diz ela:

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia? Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos, for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política, for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos, for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes. (CHAUÍ, 1994, p. 18).

Há aí a indicação de vários lugares da Filosofia na experiência educativa: o lugar de ajuda na superação das ingenuidades e dos preconceitos do senso comum; o lugar do aprendizado da autonomia frente às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos; o lugar da elaboração de um pensamento que ofereça significações para as criações humanas, especialmente as das artes, das ciências e da política; o lugar do desenvolvimento de uma consciência de si das pessoas e de suas ações que seja capaz de indicar práticas dirigidas à liberdade e à felicidade. Nós que fazemos aulas de Filosofia vemos nossas aulas assim? Nós as vemos como um lugar ou um espaço de provocação para que esses resultados ocorram?

Lipman defende que o valor educativo da Filosofia seja posto à disposição das crianças e jovens, o mais cedo possível. Ele indica a necessidade de crianças e jovens conhecerem os ideais reguladores da vida humana que toda cultura tem, mas, principalmente, de o fazerem de uma maneira crítica na direção do desenvolvimento de um pensamento autônomo. “A filosofia oferece um *forum* no qual as crianças podem descobrir por si mesmas, a relevância, para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida de todas as pessoas.” (LIPMAN, 1990, p. 13). Mas, não só para descobrirem e sim, também, para que estudem, analisem, investiguem juntas estes ideais e os coloquem sob a mira de exames rigorosos e críticos. Dessa forma a educação as ajudará a não serem passivas frente a tais ideais e sim ativas na sua contínua articulação e rearticulação.

Para muitos adultos a experiência de se admirar e refletir nunca exerceu nenhuma influência sobre suas vidas. Assim, estes adultos deixaram de questionar e de buscar os significados de sua experiência e, finalmente, se tornaram exemplos de aceitação passiva que as crianças acatam como modelos para sua própria conduta. Desse modo a proibição de se admirar e questionar se transmite de geração para geração.

Em pouco tempo, as crianças que agora estão na escola serão pais. Se pudermos, de algum modo, preservar o seu senso natural de deslumbramento,

sua prontidão em buscar o significado e sua vontade de compreender o porquê de as coisas serem como são, haverá uma esperança de que ao menos essa geração não sirva a seus próprios filhos como modelo de aceitação passiva. (LIPMAN, SHARP e OSKANIAN, 1994, p. 55).

Esta é outra indicação importante do espaço ou do lugar da Filosofia na experiência educativa. O espaço da busca da superação do acomodamento ou da aceitação passiva de tantas coisas que todos deveríamos repudiar. Exemplos não nos faltam.

Morin é um pensador atual que também traz contribuições importantes para pensarmos o lugar da Filosofia na experiência educacional. Ele propõe que se recupere a importância da filosofia que faz parte da cultura humanista. “A cultura humanista é uma cultura geral que, por meio da filosofia, do ensaio e da literatura coloca problemas humanos fundamentais e incita à reflexão.” (MORIN, 2002, p. 17). A Filosofia, pra ele, é aquela que, de modo especial, coloca “problemas humanos fundamentais” como o problema do sentido da realidade, o da existência humana e seu significado, o do conhecimento, o dos valores em geral e o dos valores morais em especial, o problema do que é viver em sociedade e o do poder dentro dela, etc.. Além disso, para o enfrentamento destes problemas, a filosofia precisa incitar à reflexão e fazer bom uso dela, de maneira crítica e profunda. O “conveniente desta cultura” é o “interrogar-se sobre o homem, a sociedade, o destino, a vida, a morte, o outro lado.” (MORIN, 2000, p. 29). E “é uma cultura que permite reflexão, meditação. É uma cultura que permanece num nível de problemas em que o conhecimento está ligado à vida de cada um e à sua vontade de se situar no universo.” (idem, p. 30). Ele aponta dois importantes papéis educativos do filosofar: provocar e manter vivo o interesse pelos problemas humanos fundamentais e provocar para a reflexão, para a crítica, para o exame rigoroso das idéias

e para a problematização. Não só provocar, mas ajudar a desenvolver uma forma de pensamento problematizador, reflexivo e crítico: “A filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana.” (MORIN, 2002, p. 23).

Gallo e Kohan apontam na mesma direção ao indicarem o “para quê” da filosofia. Este “para quê” “envolve a dimensão do sentido”. (...) A filosofia contribui para se manter aberta e sempre presente a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos (LARROSA, 1994:80). Essa é sua função social principal.” (GALLO e KOHAN, 2000, p. 188-189). Além disso ela contribui para que os jovens desenvolvam um pensamento autônomo que é condição necessária para que se tornem pessoas capazes de escolhas. Daí a necessidade do que denominam “experiências de pensamento” pelas quais todo educando deve passar.

é importante que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer a experiência da crítica e da radicalidade sobre a sua própria vida, a desenvolver uma atitude dialógica frente ao outro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo.

Pensamos que uma educação para a autonomia, no sentido da formação de indivíduos que possam escolher por si mesmos em que mundo querem viver, só pode ser tal se nela tiver lugar a filosofia. (GALLO e KOHAN, 2000, p. 195).

Não é possível separar filosofia e educação. E, se educação é necessidade óbvia, óbvia se torna a necessidade da filosofia que dela não pode se desprender. Há um lugar necessário para a Filosofia em toda experiência educativa.

Desse modo, sendo a filosofia imprescindível subsídio de formação, ela pode e deve estar presente desde o momento em que a pessoa tenha condições para começar a pensar. Parece, então, totalmente acertada a proposta de ensino de filosofia para crianças, desde os tempos da escola fundamental, pois toda criança é sensível à justificação, ou seja, não só é capaz de pensar, mas também de compreender o pensamento. (...) ... pois, o que se tem em mente é justamente ajudar a criança a se apropriar de conceitos e valores, a praticar seu pensamento, no sentido mesmo de exercer sua subjetividade lógica, ética e estética. E isso é essencialmente formativo. (...) No que concerne à formação dos adolescentes no ensino médio, a formação filosófica é ainda mais imprescindível e, por isso, é preciso lutar contra os fatos e providenciar para que sejam criadas as condições para que seu ensino venha a ocorrer de forma sistemática. (SEVERINO, 2002, p. 189).

E isto por quê? Por tudo o que foi dito anteriormente. Vivemos numa época em que se dá muito prestígio à informação. Mas temos que saber utilizá-la: saber articular as informações; saber avaliar da sua veracidade; saber da sua pertinência para os problemas que nos são postos pela vida.

Somos informados pelas ciências da natureza, pelos técnicos, pelos jornais, por alguns programas de televisão... mas não há informação “filosófica”. (...) a filosofia é incompatível com as *notícias* e a informação é feita de notícias. Muito bem, mas é só informação que buscamos para entendermos melhor a nós mesmos e o que nos rodeia? (SAVATER, 2001, p. 5).

Com certeza não: precisamos das informações, mas precisamos saber articulá-las para construir entendimentos, explicações e significados. Para tanto há necessidade do trabalho do pensamento. Na mesma direção caminha Rouanet em artigo (2002) no qual discute, dentre outros assuntos, a diferença entre informação e conhecimento. Nele é dito que há uma dissimulação básica em “tratar informação e conhecimento como se

fossem sinônimos, o que implica redefinir a sociedade de conhecimento como sociedade de informação”. (ROUANET, 2002, p. 14) Na verdade, em nossos dias, somos bombardeados por uma multidão de informações e somos levados a reagir a elas de um modo nada reflexivo, o que significa sermos comandados mecanicamente, como autômatos. É a negação da condição de autônomos que devemos desejar para nós e para os outros, de acordo com o discurso pedagógico dominante. Citando Kurz, ele alerta que “a informação dispensa o trabalho reflexivo que transformaria os conteúdos do mundo exterior, devidamente processados por nosso aparelho psíquico, em verdadeiros conhecimentos”. (ROUANET, 2002, p. 14). A informação, por si mesma, não é ruim: pelo contrário, ela é fundamental. Sem ela não há conhecimento. Este, por sua vez, é uma elaboração significativa, organizada com informações. “Mas é este que é decisivo” e não a pura informação. Talvez porque o conhecimento, diferentemente da pura informação, questiona finalidades, questiona o uso de meios, coloca necessidades humanas fundamentais acima de puros êxitos técnicos ou funcionais. Só que, para tanto, um conhecimento realmente humano, não pode ser um processamento de informações sem o concurso da reflexão filosófica e das humanidades. Há que ser sempre, um conhecimento mais abrangente.

Finalmente, para que o conhecimento não se limite à ciência natural e à técnica, o que daria traços odiosamente tecnocráticos ao novo modelo de sociedade, transformando-a num paraíso de engenheiros e de analistas de sistemas, é preciso dar uma ênfase idêntica a outros tipos de conhecimento, como as ciências humanas, a filosofia e as humanidades. (ROUANET, 2002, p. 15).

É este um reclamo atual, forte e necessário por conta de uma possível desagregação do espírito humano ou, na linguagem de Severino (2002), da subjetividade que é o âmbito da formação humana. Estamos correndo sérios riscos de

desumanização neste processo acelerado de fragmentação. O convite ao pensamento que interliga e que produz referências amplas e que as avalia constantemente é apanágio do filosofar. Este filosofar é uma necessidade da humanização: ou da formação humana. A educação não pode ficar alheia a ela. Severino argumenta que se a educação procura passar conhecimentos, valores, normas de conduta, etc., isso só faz sentido se forem apresentadas justificativas que possam ser assimiladas compreensivamente pelos estudantes. No tocante, por exemplo, aos conhecimentos ele diz:

Assim, se os conhecimentos científicos nos ajudam a entender as coisas, são os conhecimentos filosóficos que nos ajudam a compreendê-las, ou seja, a situá-las no conjunto de sentidos que norteiam a existência humana, a atribuir-lhes um sentido articulado numa rede maior de sentidos dessa existência, em sua complexa condição de unidade e de totalidade. (SEVERINO, 2002, p. 189).

Um trabalho que demanda certas qualidades: a reflexão, a criticidade que inclui a problematização, o rigor, a profundidade, a contextualização. A Filosofia ajuda nesta direção e é o grande espaço de construção, de preferência coletivo, dos significados fundamentais para nossas vidas.

Em sondagens realizadas com jovens do Ensino Médio percebe-se que eles têm consciência desse valor educativo da Filosofia. Tanto pelo trato de questões fundamentais relativas à realidade em geral (ontologia), ao ser humano (antropologia filosófica), às regras de conduta (ética e moral), ao conhecimento (teoria do conhecimento), à sensibilidade humana e às artes (estética) e à sociedade e às relações de poder (filosofia social e política), quanto por perceberem as possibilidades de desenvolvimento de um pensamento reflexivo e crítico no trabalho do filosofar.

Algumas manifestações desses jovens são transcritas a seguir. As primeiras são de jovens do Ensino Médio na Ilha de São Miguel (Açores) em 2000/2001. A pesquisa está relatada no livro *A Filosofia como centro do currículo na Educação ao Longo da Vida*, Medeiros (2005). Foi aplicado um questionário a 515 alunos do 12º ano do Ensino Secundário. Estes alunos haviam tido Filosofia nos dois anos anteriores do mesmo curso Secundário. As questões que lhes foram propostas convergiam para auxiliar na busca de indicadores relativos ao papel formativo da Filosofia. A seguir algumas das perguntas feitas e as respostas dos alunos.

Primeira questão: Dos grandes temas abaixo referidos, estudados em Introdução à Filosofia (10º e 11º anos), assinale em cada um, o grau de sua preferência. (não gostei; gostei; gostei muito).

Temas preferidos e porcentagem:

TEMAS	NÃO GOSTEI (A)	GOSTEI (B)	GOSTEI MUITO (C)	TOTAL (A+B)	
Intenção Filosófica e a diversidade dos saberes	39,6	57,5	2,9	60,4	(5)
Dinâmica do ser humano no mundo: a ação e a questão dos valores.	20,6	61,3	18,5	79,8	(3)
Filosofia e sua história.	61,0	35,5	3,5	39,0	(6)
O universo da Lógica	27,0	49,0	24,0	73,0	(4)
A problemática do conhecer e do ser.	16,6	56,1	27,3	83,4	(2)
O ser humano e o sentido da existência.	11,3	45,1	43,6	88,7	(1)

Neste quadro chama atenção a preferência pelos temas e a ordem de preferência em que são indicados em vermelho. Os jovens vêem importância da Filosofia na sua formação. Isso é reforçado nas respostas dadas às questões seguintes.

Sétima questão: A disciplina Introdução à Filosofia contribuiu para sua realização como cidadão crítico e interventor?

Respostas: SIM: 57,5% - NÃO: 42,5%

Nona questão: Considera que a Filosofia pode dar um contributo para ajudar a pensar temas e problemas que preocupam e interessam aos jovens de hoje, neste início do Século XXI?

Respostas: SIM: 65,6% - NÃO: 34,4%

Décima questão: Considera que a disciplina Introdução á Filosofia foi fundamental para a sua formação geral?

Respostas: SIM: 57,9% NÃO: 42,1%

Panorama semelhante pode-se observar em respostas a indagações feitas em 2007 com jovens da Cidade de São Paulo. Foram 51 alunos (40 de escolas públicas e 11 de escolas particulares) que responderam a questionários que continham perguntas conforme mostradas a seguir. As indagações constam de questionários que foram utilizados em uma sondagem que fez parte de pesquisa com vistas à dissertação de mestrado de Cláudio Ferreira dos Santos (2009).

Primeira questão: Indique um, dois ou mais temas ou assuntos trabalhados nas aulas de Filosofia que você julgou mais interessantes.

Todos os entrevistados indicaram algum tema específico da Filosofia pelo qual se interessaram. Além de interesse pela mitologia grega e pelo tema dos mitos em geral e por um ou outro filósofo, foram indicados os seguintes temas: teoria do conhecimento (13 alunos); Ética (11 alunos); Política (10 alunos); Estética (3 alunos) e 23 alunos mencionaram outros temas, além desses. Citam-se os seguintes: aborto (6); drogas (4); sexo; preconceito; paixão (3); racismo; amor; amizade; clonagem; eutanásia;

maioridade penal; atividade humana e animal; egocentrismo; etnocentrismo e sociocentrismo.

Segunda questão: Escolha um ou dois desses temas e diga por que você os julgou mais interessantes.

Todos os alunos responderam. Seleccionamos algumas respostas:

Filosofia Moral, Ética. A Ética tem um pressuposto, a possibilidade de escolha, de decisão e de opção. O Preconceito porque hoje em dia está dominando as pessoas e prejudicando outras. Ética. Porque chama a atenção para o comportamento humano. Gostei de Ética por falar das nossas escolhas, de como isso não afeta apenas a mim, como afeta outras pessoas também. Por que somos corruptos? Esse tema me chamou mais atenção porque, nos faz pensar um pouco e pensar o quanto somos corruptos, o quanto somos ignorantes no nosso dia-a-dia, faz-nos refletir para sermos menos corruptos. A Teoria do Conhecimento é muito interessante, porque diz que passamos por constantes mudanças, juntamente com o mundo. Ideologia: pois podemos observar tentativas de manipulação que estão presentes em nosso dia-a-dia e inseridos em nossa sociedade, nos levando a aceitar certas regras impostas. Ideologia e razão, porque acreditamos tratar de um assunto que sempre é atual, e importante, afinal é algo com que convivemos e em nossa idade é bem presente pelo fato de estarmos amadurecendo esses conceitos. Platão e o platonismo para mim é o mais interessante, porque Platão foi um filósofo que buscava o verdadeiro conhecimento, levando a sociedade daquela época a vários questionamentos que persistem até os dias de hoje.

Terceira questão: No seu entender, o que você tem tido nas aulas de Filosofia tem dado uma contribuição para ajudar a pensar temas e problemas que preocupam e interessam aos jovens de hoje? Explique seu ponto de vista.

Algumas respostas.

Sim, deu para ajudar sim. Hoje tenho outra visão sobre política, religião e a ética. Com certeza, todos os temas abordados, nos serve de apoio para todas as atitudes que nós, os jovens de hoje, formos fazer. As aulas de filosofia ajudam no pensamento reflexivo hoje em dia. Ajudou sim. As aulas de Filosofia mostram que não basta apenas ler algum tipo de texto ou conviver com certos problemas. Temos que refletir e por fim expressar nossas idéias e críticas. Na Filosofia há sempre o questionamento em relação aos principais fatos que ocorrem no mundo. Isso faz com que o meu entendimento se esclareça e eu desenvolva um senso crítico melhor. Sim, (a) coisa política, faz parte da nossa vida. Um texto muito interessante foi “consciência crítica e filosofia”, que fala sobre os riscos da violência, da alienação e da solidão, e que por isso devemos ter o pensar crítico e racional. Não só esse texto, como as dissertações também, com frases reflexivas: “O sono da razão produz monstros”, “Escolas gaiolas prendem, escolas (...) fazem voar”.

Quinta questão: Você julga importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico? Justifique sua resposta.

Algumas respostas:

Acho que sim, todos nós devemos ter um pensamento reflexivo e crítico, pois assim tomamos mais ciência do que fazemos. Necessário. Porque os jovens são muito

enganados pela mídia e pelas coisas fúteis. Sim, pois os jovens são o futuro do amanhã e como será um futuro sem pessoas críticas e reflexivas? Sim, pois jovens enxergariam com mais clareza a realidade do mundo em que vivemos. Eu julgo necessário que os jovens de hoje sejam capazes de um pensamento reflexivo ou crítico, porque nós, jovens, somos o futuro de nossa nação, não só do Brasil, mas como do mundo todo. Os jovens de hoje se prendem à tecnologia como a televisão, o computador, e não tem um habito de pegar um bom livro para ler. Em minha opinião os jovens deveriam parar e pensar, sair desse mundo que eles criaram para eles próprios e ver que o mundo não é só um simples jogo ou brincadeira, acordar e ver que somos o futuro de nossa nação. Com esses pensamentos os jovens poderiam melhorar. Sim. Na juventude fazemos escolhas que decidem nosso futuro, e isso requer reflexão sobre nossa vida, e sobre o que acontece com os outros e com o mundo.

Sexta questão: Aulas de Filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico? Por quê?

Algumas respostas:

Sim, pois nas aulas de filosofia a pessoa é estimulada a refletir, desenvolvendo assim a capacidade de pensar. Sim, acho que sim, é um dos principais objetivos da filosofia: fazer com que o ser humano entenda, reflita e pense sobre seus atos. As aulas de Filosofia trouxeram duas coisas que acrescentaram: a parte histórica e a forma de pensamento, importante sim para a ajuda da formação reflexiva e crítica. Sim. Foi uma palavra correta dizer auxiliar, pois o pensamento crítico e reflexivo está dentro de cada um, o que falta é algo para “empurrar” e “forçar” a esse pensamento ser exposto. Sim. As aulas são importantes por causa dos textos de reflexão, que você acaba parando pra

pensar nos problemas da sociedade, nas mudanças que ocorrem o tempo todo. A Filosofia incentiva você a pensar e a relacionar textos e situações filosóficas com a sua vida.

Como se pode observar, os jovens indagados vêem a importância da Filosofia na sua experiência formativa. Professores, em ambas as pesquisas, também foram indagados a respeito e suas respostas coincidem com as respostas dos alunos e com o que dizem os autores citados neste texto.

Se assim é, se há esta percepção do papel importante da Filosofia na experiência educativa, temos que nos dedicar à busca da melhor forma possível de realizar o trabalho do ensino da Filosofia em nossas salas de aula. Os cursos de formação de futuros professores devem enfatizar os estudos relativos à busca dessa melhor forma a par de um empenho cada vez maior no estudo dos conteúdos específicos da Filosofia. Os seres humanos merecem, na sua formação, este bem cultural fundamental que é a Filosofia e o Filosofar.

Bibliografia

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo. Ática, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

KANT, I. Lógica. 3ª. Ed. tradução de Gottlob Benjamin Jäsche de Guido Antônio de Almeida. — Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003. (Biblioteca Tempo Universitário ; 93. Série Estudos alemães). Tradução de : Immanuel Kants Logik cin Handbuch zu orlesungen. - ISBN 85-282-0037-X

KANT, I. Sobre a pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.

KOHAN, Walter Omar e GALLO, Sílvio. *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis. Vozes, 2000.

LIPMAN, M. *A filosofia vai à escola*. São Paulo. Summus, 1990.

LIPMAN, M. et al. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo. Nova Alexandria, 1994.

MEDEIROS, Emanuel Oliveira. *A Filosofia como centro do currículo na Educação ao Longo da Vida*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 7ª ed. Trad.: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SANTOS, Cláudio Ferreira dos. *O desafio do ensino de Filosofia, que exige ao mesmo tempo o aprendizado do pensamento reflexivo e crítico, na sociedade atual*. São Paulo: UNINOVE, 2009. (Dissertação de Mestrado).

SAVATER, F. *O valor de educar*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *As perguntas da vida*. São Paulo. Martins Fontes, 2001

SEVERINO, A. J. *A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial*. In: KHOAN, W. *Ensino de filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *A razão de ser da filosofia no ensino superior*. In: *Anais do XIII ENDIPE*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.